

LUIS SEPÚLVEDA

A LÂMPADA DE ALADINO

e outras histórias
para vencer o esquecimento

Tradução de Helena Pitta

A chama obstinada da sorte

*Para o senhor Aladino Sepúlveda,
primeiro «ocupa» da Patagónia*

O velho tinha vários filhos, filhas, noras e genros, erráticos como o vento da estepe, e uma caterva indeterminada de netos espalhados pela imensidão patagónica. Aos oitenta e tal anos continuava a ser o sustento da sua prole, que se agarrava a ele quando os ventos ainda mais frios do longo Inverno austral faziam soar as tripas e o tacho se revelava parco de carnes.

Além de anos e de família, tinha também um cão, o *Cachupín*¹, um *kiltro*², no dizer dos mapuche, cuja única habilidade era a preguiça e a mania de dormir com um olho aberto, sempre atento aos movimentos do dono. Mas quando as vacas magras se tornavam realidade e o velhote, com o mate já sem sabor colado à mão, lhe ordenava: «*Cachupín*, chegou a hora, enfurece-te e tira daí esses merdosos», então o cão espreguiçava-se, esticava as patas, arqueava o lombo, abanava as orelhas, enroscava a cauda comprida e fina e entrava na cabana entre latidos e rosnadelas de uma ferocidade inusitada.

¹ *Cachupín*: cachorro. (N. da T.)

² *Kiltro* ou *quiltro*: rafeiro. (N. da T.)

Um a um, acordava filhos e genros que dormiam sob o efeito de vinhos miseráveis, puxava-os pelas pernas, rasgava-lhes as calças, às vezes interrompia um ou outro casal decidido a dar mais netos ao velhote, e assim saíam, entre palavrões, com os olhos remelosos enfrentando a luminosidade cinzenta da estepe.

– Cão de merda – atrevia-se um deles a murmurar.

– Cala-te, mal-encarado! O *Cachupín* sabe o que faz – pespegava o velho, impondo silêncio.

Mais tarde, esperava que a familória se afastasse até ao caminho que conduzia a Cholila e, quando as figuras eram apenas referências incertas no horizonte plano, entrava na cabana de troncos grossos trazidos dos bosques andinos que marcavam a fronteira entre a Argentina e o Chile, sentava-se junto à mesa de madeira tão antiga como a própria casa, enrolava um cigarro e esperava pela chegada das sombras.

Enquanto fumava, sorria ao comprovar os movimentos de alerta do cão, que dava voltas em redor da cabana rosnando e lançando olhares desconfiados aos quero-quero, às ovelhas decididas a encontrar erva entre a calafetagem das paredes, a tudo o que se movia na estepe.

O velho acendeu o candeeiro de azeite, deixou que a chama passasse do amarelo ao azul, fechou a porta e fez o que vinha fazendo há trinta anos cada vez que chegava o tempo das vacas magras. Levou depois uma mão às costas, tirou o facalhão da faixa, cortou várias tiras finas de charque, meteu na boca um bom bocado daquela carne seca e dura até a transformar num bolo húmido e mole, cuspiu-a para a mão e chamou o cão.

– Engole, *Cachupín*, porque é a única coisa que hás-de comer até regressarmos.

O cão aceitou o alimento, fez tenções de o mastigar, mas o dono conteve-o com uma ordem.

– Inteiro, *Cachupín*! Engole-o inteiro.

O cão obedeceu e também engoliu inteiros os restos de charque que o velhote lhe foi atirando.

À distância, os parentes, próximos e nem tanto, viram o clarão azul do candeeiro à entrada da cabana e esperaram, mais por medo do cão do que por respeito ao velho, que este se afastasse até não ser mais que uma luzinha fraca e vacilante desaparecendo na vastidão da noite. Empreenderam então o caminho de volta até à construção de troncos que Butch Cassidy, Etta Place e Sundance Kid erigiram em mil novecentos e um como refúgio das suas correrias pela Patagónia.

– Está tudo bem, *Cachupín*? – perguntou o velho.

O cão abanou o rabo e deixou escapar uma leve rosnadela. Era o sinal de que ninguém os seguia e de que podiam, por isso, apagar o candeeiro.

– Continuemos a andar e conversemos, amigo. Gosto de falar contigo porque, como és um cão, não fazes perguntas – confessou, explicando-lhe que na realidade teria de o chamar *Cachupín* VI – assim, com números romanos – especificou, porque antes tivera outros cinco cães de nome similar. Não por falta de imaginação ou por os nomes constantes do almanaque de produtos veterinários lhe parecerem feios, mas por fidelidade para com as

boas lembranças. Na realidade, confundiam-se-lhe os afectos e as graças que faziam os outros cães, mas – acrescentou acariciando a cabeça do cão – isso era o melhor da velhice, essa mistura arbitrária de boas recordações sintetizadas num nome: *Cachupín*.

Avançavam com passos lentos mas seguros. As patas do cão e os pés do velhote, metidos em alpercatas, conheciam cada um dos acidentes do terreno que os levava até à estrada de cascalho aonde chegariam dentro de algumas horas, e aí se sentariam, como sempre, à espera da passagem de algum camião que os levasse até Esquel.

– E assim se passaram as coisas – prosseguiu o velho, falando-lhe dos tempos duros em que a produção de lã foi para o galheiro porque os ingleses abandonaram a Patagónia e abriram novas fazendas lanares na Austrália. Ele era chileno, garantia-o pelo menos o único documento que possuía, mas quando e com quem tinha passado para a Argentina eram dados que se lhe haviam perdido na nebulosa dos anos. Lembrava-se, sim, da dureza dos despedimentos, das poucas moedas que os capatazes deixavam cair nas mãos dos mais fiéis e da longa caminhada, já com vários filhos às costas, de Las Heras a Cholila, em busca de um lugar, de um tecto, de um trabalho e de alguma carne para assar.

Em Cholila, também não recordava com precisão o *quem* e o *quando* mas isso não incomodava o *Cachupín*. Aí, ouvira falar da cabana vazia dos bandidos gringos – diziam que havia fantasmas que penavam –, explicou ao cão, e continuou a contar-lhe que um dia se aproximara da construção e que esta lhe parecera uma

ótima cabana, sólida, erguida com troncos grossos muito bem calafetados para que o vento não se metesse pelos quartos, dotada, além disso, de um luxo inusitado, pois tinha um soalho de tábuas macheadas com tanta mestria que nenhum bicho conseguiria enfiar-se ali e andar era um alívio para os pés cansados.

Na Patagónia, ninguém pergunta de onde vem ou para onde vai o caminhante, o importante é ter chegado, de modo que também não houve quem lhe perguntasse se tinha licença para se instalar na cabana dos bandidos e, assim, começaram a nascer mais filhos, que gatinhavam felizes pelo chão liso.

– Creio que seis rapazes e duas meninas fui eu quem os fez, mas todos são meus porque o tecto que os abriga é meu e essa é a única lei válida – continuou.

A estrada de cascalho partia a estepe em duas, não era nem fácil nem agradável caminhar sobre os cantos movediços, de modo que se sentaram muito juntos um do outro, à espera do amanhecer e do veículo que os levaria.

– Fica ao meu lado e, se parar de falar, dá-me uma lambidela porque tenho de me manter acordado. Alguma vez te contei que quando encontrei aquilo ainda estava vivo o *Cachupín* 1? Era parecido contigo, mas mais bruto – disse, e o cão assentiu com um bocejo.

As suas lembranças retrocederam quarenta anos e viu-se mais jovem, com melhor vista, e habilidoso na preparação da argamassa com que se dispunha a calafetar umas juntas nos troncos por onde o vento se metia. Naquele tempo, a cabana tinha duas janelas e por

elas entrava a luz que batia justamente no sítio onde planeava trabalhar. Começou a retirar os fiapos de calafetagem e, de repente, os seus dedos encontraram uma fenda de rebordos suaves, em caso algum feita pelas térmitas, porque era lisa, uniforme, fruto de um trabalho cuidadoso e oculta pelas várias camadas de calafetagem e de lama que a cobriam. No espaço entre os dois troncos mal lhe cabia a mão estendida, mas quando os dedos se curvaram para baixo tocou numa coisa fria, metálica, circular que, além do mais, se movia.

– Pensei que eram botões de uniforme, botões militares. Que grande tanso era nessa altura. Será que ainda o sou, *Cachupín*?

O cão abanou as orelhas e colocou o focinho sobre as pernas do dono.

Os dedos do velho roçaram aqueles rebordos circulares, moveu a mão até chegar a uma extremidade e, com alguma perícia, extraiu um dos pedaços de metal. A moeda conservava um brilho ofuscante, numa das faces podia ler-se «Banco de Londres e Tarapacá» e, na outra, «um peso de ouro».

Em mil novecentos e cinco, Butch Cassidy, Sundance Kid e outro indivíduo da Quadrilha Selvagem assaltaram a sucursal de Punta Arenas do banco mais aristocrático do Chile e levaram um saque cujo montante nunca foi determinado.

– Como eu era tanso! Coisas da juventude, suponho. Apercebi-me de que ali estava um tesouro, mas não resisti a correr até à venda de Cholila para vender aquela moeda. Que mau bocado, nem imaginas o mau bocado que passei.